

# BOLETIM n.º 70 — 2ª Série

**JANEIRO de 2022**

Sítio da APLG: <https://aplg36.wixsite.com/aplgpt>

e-mail da APLG: [aplg.direccao@sapo.pt](mailto:aplg.direccao@sapo.pt)

e-mail do Centro de Formação da APLG: [aplgclassicas@gmail.com](mailto:aplgclassicas@gmail.com)

Facebook: <https://www.facebook.com/APLG.pt/>

Apartado 4099 — 3030 - 999 Coimbra

## Caros Colegas,

Já em 2022, continuaremos a trabalhar como (re)construtores de soluções, ou quiçá remediações, de tantos júbilos, mas também de tantos problemas, que continuam a grassar na Educação, não só portuguesa como também europeia e mundial.

Num tempo que teima em trazer a público vozes de discórdia sobre figuras, monumentos e acontecimentos, horripilantes ou não, delatores ou simpatizantes, bélicos ou congregadores, de causas de defesa dos Direitos Humanos, da Cultura e/ou do Pensamento, é preciso distinguir entre o que é credível e o que não é. Banir do sistema educativo determinados autores e obras por conterem expressões ou ideias passíveis de outros ideais e de outros momentos históricos, não pode ser a solução. Fizeram parte da História de um país, de uma Arte? Então, há que os ver como isso – História, Arte. Caso contrário, estaremos a apagar Passado que tem o seu papel no Presente e no Futuro. Não é por desconhecer algo que seremos melhores, muito pelo contrário. É que o conhecimento é fundamental para a evolução da sociedade e do Homem na medida em que enriquece de forma gradual e sucessiva. E disso a Escola não pode, nem deve, prescindir, sendo muitos o que defendem. Atentemos, por isso, numa intervenção de D. Manuel Clemente (na época, Bispo do Porto), proferida no Congresso do Ensino Superior, intitulada “Educação e Estado”<sup>1</sup>, não devido à crença religiosa do próprio, mas pelas ideias veiculadas em abono do que deve ser educar.

Na introdução, destaca que o seu testemunho é feito num momento da história coletiva “que requer de cada um e de todos o melhor contributo pessoal e institucional” para a construção em coletivo de “um

---

<sup>1</sup>(<https://bit.ly/3r8zsiz> ou em Associação dos Médicos Católicos Portugueses, *Acção Médica. Educação*, “Estado e Educação”, Ano LXXVI, N.º 1, Janeiro – Março 2012, 5-12).

futuro digno dos atuais e futuros portugueses, bem como dos que conosco partilham o devir europeu e extraeuropeu”. Realça que esse contributo carece de ser, essencialmente, qualitativo, no qual a educação tem um lugar primeiríssimo, “Pois de valores se trata, da sua assunção e transmissão de uns para os outros e dos que estão para os que chegam”, constatando que é um longo processo “intrinsecamente ligado à cultura e à transmissão cultural.” Por isso, apela para o cultivo de valores (relembrando o étimo latino *colere* na base de ‘cultura’; primeiro numa ligação intrínseca ao cultivo da terra, depois ao do cultivo interior e enriquecimento erudito e sábio). Destaca também o que significa educação (aqui, rememora o significado de extração: *e-ducere*). Segundo ele, bom educador “será quem – extraia – do educando tudo o que ele possa realmente dar; mas só o fará se transmitir todo o conhecimento que lhe desperte a capacidade de aderir, aprofundar e criar por sua vez.” E acrescenta: “É neste sentido que a erudição enriquece a cultura e o bom educador surpreenderá os educandos - e ainda mais se surpreenderá com eles”.

De seguida, evidencia os quatro princípios permanentes na linha de pensamento que perfilha (“Doutrina Social da Igreja”), adotados também por outras escolas (mesmo as não católicas) – a dignidade da pessoa humana, o bem comum, a subsidiariedade e a solidariedade. Põe em relevo a dignidade da pessoa humana, visível, por exemplo, na forma como o educador vai conhecendo os seus educandos como pessoas: “o que falta a um para poder estudar em condições, o que falta a outro para conseguir afirmar-se, o que falta a muitos para se descobrirem no que podem e valem...”. Outro princípio - o bem comum – define-o como o “conjunto de condições e meios de toda a ordem ‘material, cultural, social, espiritual’ que permitem a realização cabal de cada pessoa numa determinada sociedade”, relembrando que os antigos romanos estiveram na base da comunicação europeia até à época moderna ao trazerem a Portugal valiosas contribuições civilizacionais, do urbanismo às famosas vias, em que os seus protagonistas eram pessoas de várias profissões e até crenças diferentes, mas com um objetivo comum. Os outros dois princípios - a subsidiariedade e a solidariedade – incluem os anteriores, na medida em que ninguém se realiza sem os ter em conta e discorda completamente de quem pensa que há “povos e continentes ‘dispensáveis’ para a marcha do progresso”. É que há “uma só Terra para a humanidade de nós todos”, começando “na família e na escola o melhor futuro da sociedade universal” almejado. Não termina sem destacar o papel fundamental do Estado - aquele que deve facultar a todos o que lhes é devido nos domínios da educação “em função do bem comum, estimulador “da criatividade e da corresponsabilidade das pessoas, das comunidades e dos grupos, para benefício do conjunto e dentro de objetivos gerais democraticamente definidos”.

De tudo isto, é necessário priorizar o conhecimento, valorizar o Educador, elevar a Escola como reduto da sociedade e da vida. Porém, nada é possível sem aquele que tem sido o timoneiro ao longo dos tempos. Sem ele, facilmente, se perde a rota, se destrói a embarcação, se perde a provisão futura, se deixa afogar o embarcado – ele é, sem sombra de dúvida, o Professor. A este propósito, Nuccio Ordine - filósofo, professor e pedagogo italiano - em entrevista concedida ao jornal “Diario de Sevilla<sup>2</sup>” (02/01/2022), reitera

---

<sup>2</sup>Em <https://bit.ly/3GvOy8h> ou em <https://dererummundi.blogspot.com/2022/01/o-que-muda-vida-de-um-estudante-e-um.html> (artigo de Isaltina Martins sobre a entrevista citada).

que o que muda a vida de um estudante é um bom professor. Nascido em Diamante (na Calábria), localidade sem livrarias nem bibliotecas, e filho de pais que não tinham estudado, Ordine apenas teve o primeiro contacto com livros através dos seus professores. Foram estes que lhe mostraram a importância do conhecimento, principalmente como símbolo de liberdade pessoal, tendo um deles sido o responsável pela sua paixão pelos livros. Na sua opinião, os alunos devem ler e estudar, não para ter um diploma (metaforicamente, designado como Ítaca), mas para conhecer, compreender, ser melhor – sempre com dignidade e moral.

Como referiu António Nóvoa, em 2017<sup>3</sup>, é necessário compreender a educação pública como compromisso social, capaz de contrariar destinos de gerações: “Podemos ser amanhã uma coisa diferente de que somos hoje. Uma escola que confirma destinos, que transforma em operário o filho do operário, é a pior escola do mundo”. Também Michael Young, na mesma esteira, em 2010, advogava que educação e conhecimento eram inseparáveis; e o conhecimento, e especificamente o currículo, não era dado, mas uma construção social (sendo a expressão das relações de poder na sociedade e na escola). Não obstante ter alterado algumas posições assumidas na década de 70, Young reforça que cabe à Escola propiciar o conhecimento poderoso para todos, já que “Para crianças de lares desfavorecidos, a participação ativa na escola pode ser a única oportunidade de adquirirem conhecimento poderoso e serem capazes de caminhar, ao menos intelectualmente, para além de suas circunstâncias locais e particulares. Não há nenhuma utilidade para os alunos em se construir um currículo em torno da sua experiência, para que este currículo possa ser validado e, como resultado, deixá-los sempre na mesma condição”<sup>4</sup>.

Por tudo isto e visto que ser professor é a nossa missão, neste número 70, encontram destaques e textos, reveladores do quão importante é ensinar e aprender.

**Votos de muitas felicidades para este novo ano – 2022!**

A Presidente da APLG  
Célia Mafalda Oliveira

---

<sup>3</sup> Aquando da sua estadia em São Paulo, no 12º Prémio Itaú-Unicef, António Nóvoa, reitor honorário da Universidade de Lisboa, comentou a reforma curricular do Ensino Médio brasileiro e apontou novos modelos de formação docente. A entrevista completa pode ser lida em <https://bit.ly/3trUqfm>

<sup>4</sup> Young, Michael, F. D. (2007), “Para que servem as escolas?”, *Educação & Sociedade*, v. 28, n. 101, p. 1287-1302. Leia-se também o artigo de Cláudia Valentina Assumpção Galiani e Paula Baptista Jorge Louzanol, intitulado “Michael Young e o campo do currículo: da ênfase no ‘conhecimento dos poderosos’ à defesa do ‘conhecimento poderoso’”, *Educ. Pesqui.*, v. 40, n. 4, p. 1109-1124, out./dez. 2014 (disponível em <https://bit.ly/3qoi4HC>).

## **Mestres - Homenagem ao Professor Doutor Américo da Costa Ramalho<sup>5</sup> (1921-2013)**

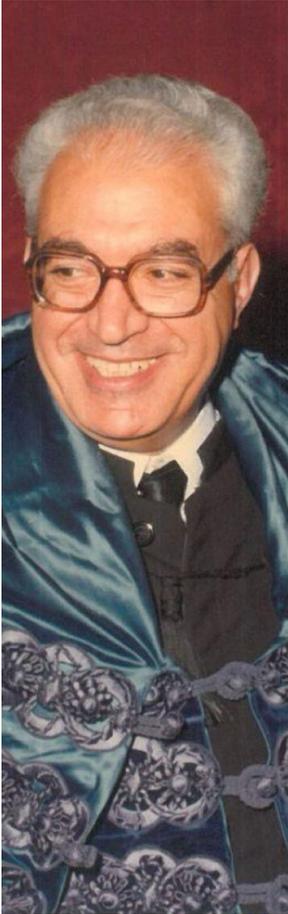


Depois de no dia 15 de novembro ter sido celebrada missa na Real Capela de S. Miguel (UC) em homenagem ao Professor Doutor Américo da Costa Ramalho, foi tempo de o CECH celebrar o centenário do seu nascimento, com um evento no dia 10 de dezembro, na FLUC.

Entre antigos colegas, discípulos, alunos e amigos, os vocábulos predominantes a ele atinentes como caracterizadores da sua maneira de ser como pessoa e docente foram respeito, dedicação, entrega, exigência, conhecimento, cultura, perseverança, a que o adjetivo ‘extremo’ sempre se aliou.

Um dos momentos mais emocionantes foi o da inauguração da “Exposição: Américo da Costa Ramalho (1921-2013)”, em frente ao Instituto de Estudos Clássicos. Nela, foi possível observar diversos objetos pessoais e de trabalho do Senhor Professor.

Mais uma vez a sua obra e o seu exemplo foram lembrados, sem olvidar a sua intervenção, desde sempre, na defesa das línguas clássicas, por



**CENTENÁRIO DE  
AMÉRICO DA  
COSTA RAMALHO  
(1921-2013)**

**10 de dezembro de 2021  
Anf. IV**

**Abertura**

14H30  
Coordenadora do CECH  
Direção da FLUC  
Vice-Reitor UC  
Nair Castro Soares (FLUC)

**Evocação de Américo da Costa  
Ramalho**

15H30  
Jorge Alves Osório (FLUP)  
José Augusto Cardoso Bernardes (FLUC)  
José Ribeiro Ferreira (FLUC)

16H30  
Carlos Ascenso André (FLUC)  
Ana Maria Tarrío (FLUL)  
Margarida Miranda (FLUC)  
Belmiro Fernandes Pereira (FLUP)

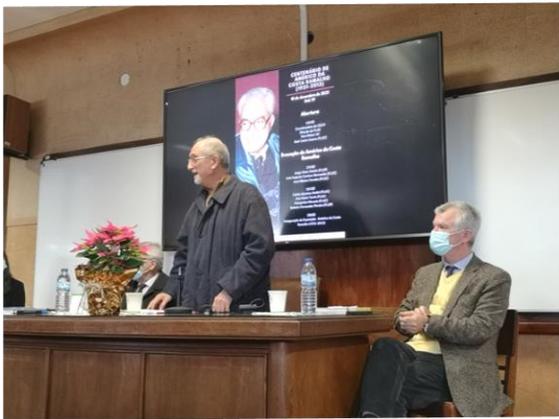
18h00  
Inauguração da Exposição: Américo da Costa  
Ramalho (1921-2013)

UNIVERSIDADE DE COIMBRA CECH CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA FCT REPOSITÓRIO DIGITAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA REPÚBLICA PORTUGUESA



<sup>5</sup> Fotografias de Célia Mafalda Oliveira.

exemplo, aquando do seu mandato de deputado (1057-1961), que não levou ao fim. Criticava sempre que discordava, e isso nem sempre agradou ao Governo de então. Perdeu-se um político (a política não era a sua ambição); ganhou-se, felizmente, um ímpar Professor, um Mestre, um Colega, um Amigo – nas palavras dos presentes.





Foi, ainda, recordada a homenagem prestada, a 17 de junho de 2006, na Casa da Cultura de Coimbra, promovida pela Associação de Professores de Latim e Grego (APLG) e que se encontra registada na publicação *Latim – Língua de Cultura. Da Idade Média à actualidade. Actas*<sup>6</sup>. Destas últimas referências, fica, aqui, a evocação:



<sup>6</sup> Associação de Professores de Latim e Grego (APLG) (2008), *Latim – Língua de Cultura. Da Idade Média à actualidade. Actas*. Coimbra: APLG.

## LEITURAS

### Leituras e Divagações

“Ironicamente, nesta era da modernidade avançada em que estamos, à falta de outros mestres, são os publicitários que se dedicam a pensar a inapagável fome de felicidade inscrita no coração do homem”

José Tolentino de Mendonça

Nesta época festiva é a palavra que mais se ouve, aquilo que desejamos para nós e para os outros “Um **feliz** Natal”, “Muitas **felicidades** para o novo ano”, “**Felicidades!**”

Mas o que é Felicidade? O que traz consigo esta palavra tão repetida, este desejo tão proclamado? Que sentimentos transmite? Derivada do latim *felicitas/ felicitatis*, que, pelo acusativo *felicitatem* nos chegou quase intacta, através da sonorização das duas consoantes dentais, que carga emotiva carrega este vocábulo?

Na mitologia greco-romana, a *Felicidade* era uma deusa que representava a boa estrela, a boa sorte e que, nos primórdios rurais do povo romano, dizia respeito à fecundidade e à fertilidade do solo, na sua raiz *fe-* presente também no adjectivo *felix/felicis*, que deu o português *feliz*. *Felix*, com a mesma raiz de *fecundus*, era o campo fértil, a árvore frutífera (*felices arbores*) e daí terá evoluído para um sentido geral de propício, favorável; *felix* era o dia em que as divindades estavam favoráveis ao cultivo da terra, o dia propício para semear, para plantar, pois daí resultaria uma boa colheita. Por isso *felix* era também o homem a quem os deuses favoreciam, era alguém com sorte.

A procura da felicidade faz parte da natureza humana, ainda que, sendo algo idealizado, fique sempre como um sonho que nunca se alcança plenamente.

Ser feliz tornou-se, principalmente neste século XXI, o ideal supremo, não faltando as “fórmulas mágicas” para alcançar esse desiderato, em livros, em filmes, na publicidade aos mais variados produtos.

Num livro recente, dado à luz em Espanha e publicado em Portugal pelo Círculo de Leitores, em 2019, os autores Edgar Cabanas e Eva Illouz falam-nos d’ “A ditadura da felicidade”, expressão que dá título ao volume, e cujo subtítulo ilustra bem o mundo em que vivemos: “como a ciência da felicidade controla as nossas vidas”. Logo a abrir os autores referem ter contabilizado nas publicações dos últimos anos mais de dois mil livros com a palavra felicidade no título, e afirmam: “ a felicidade tem vindo a assombrar o nosso imaginário cultural, tornando-se presente *per diem* e *ad nauseam* nas nossas vidas, pelo que raramente passa um dia sem que tenhamos ouvido ou lido alguma coisa sobre o assunto.” Ao longo da obra, analisam este conceito sempre repetido, desconstruindo a ideia de uma quase obrigatoriedade de ser feliz, como se o sentimento de tristeza, de infelicidade fosse algo proibido. Generalizou-se o pensamento de que a felicidade, seja isso o que for, está ao alcance de qualquer um, que só depende do nosso querer, das nossas acções, a certeza de que todos podemos (e devemos) desenvolver em nós um espírito de alegria, e não permitir qualquer sentimento de tristeza, de preocupação. Ser feliz, mostrar-se feliz é uma obrigação social que todos devem cultivar e procurar por todos os meios.

Sendo um conceito abstracto, cada um procura interpretá-lo à sua maneira, buscando, por caminhos diversos essa almejada felicidade. Não é já o ideal que Aristóteles definia como o aprimorar daquilo que distingue o homem das plantas e dos animais, a razão. Para o filósofo grego, o homem feliz é aquele que vive de acordo com a razão, é, como defende na *Ética a Nicómaco*, aquele que procura a virtude. Se tudo na vida tem uma finalidade, o homem tem como finalidade ser feliz, embora esse conceito seja diferente em cada um, pois “o vulgo não a concebe da mesma forma que o sábio”, e se para alguns a felicidade está dependente do prazer e das honrarias, para o homem que vive de acordo com a sua natureza, de acordo com a razão, ser feliz é mais do que isso, ser feliz é procurar o bem, é ser virtuoso.

Também Séneca, no seu tratado *De Vita Beata*, identifica a felicidade com a virtude — *Ergo in uirtute posita est uera felicitas*. O adjectivo *beatus* que aparece no título (*vita beata*) significava a plenitude do bem, *beatus* era aquele que tinha tudo aquilo de que precisava, que nada mais tinha a desejar. Assim se

compreende que neste tratado o adjetivo *beatus* apareça 21 vezes, enquanto o substantivo *felicitas* é usado quatro vezes, bem como o adjetivo *felix* que tem outras quatro utilizações. O conceito é, porém, o de procura da virtude, pois é nela que está a verdadeira felicidade, no entender do estóico.

Nos tempos modernos tem vindo a ganhar força um conceito de felicidade aliado aos bens materiais, à ausência de dificuldades de qualquer ordem. Ser feliz é ser descontraído, não ter problemas, nem preocupações, aproveitar a vida ao máximo, passear, folgar, ter dinheiro para comprar tudo o que se deseja.

Estamos, no dizer do filósofo francês Gilles Lipovetsky, numa sociedade da leveza, numa civilização do ligeiro, que procura a simplificação de tudo, que busca o prazer e despreza tudo o que possa causar dificuldades, foge a todo o esforço, mas, contrariamente à concepção do estoicismo, vive numa busca incessante do ter, do lazer, dando a tudo isso o nome de felicidade. Em contraponto, o mundo moderno mostra que a vida não é fácil, bem pelo contrário, costuma ser, no geral, bem complicada e isso dá lugar a frustrações, a desalentos por essa felicidade não alcançada. “O nosso mundo deu origem a desejos de felicidade impossíveis de satisfazer; daí a multiplicação dasilusões relativas a uma vida que nunca é suficientemente leve, divertida ou móvel”, diz Lipovetsky. Analisando este conceito de leveza, o filósofo observa que a sociedade se centra num ideal que consiste em “Libertar os homens dos fardos do passado, aliviá-los definitivamente da miséria e dos outros pesos materiais: o cosmos moderno constrói-se em torno da ideologia do Progresso e da sua promessa de felicidade universal, que mais não é do que o projecto prometeico de aligeiramento da existência”.

Por outro lado, progresso tornou-se sinónimo de tecnologia, de vivência do presente, pensando num futuro cada vez mais tecnológico, o homem sempre mais dependente e substituído pela máquina. Mas será isso felicidade?

Aliado ao conceito de felicidade aparece o de auto-estima, o “amar-se a si mesmo”, primeiro e mais importante passo para ser feliz, o que conduz a uma promoção do egocentrismo, especialmente nos mais jovens, e que contribui para a desumanização, para o desinteresse pelo outro, numa busca incessante da felicidade pessoal, passando, por vezes, por cima de qualquer obstáculo. Isso reflecte-se, desde logo, na educação das crianças e jovens a quem os pais e educadores querem limar todas as dificuldades, aplanar os caminhos em todas as situações, pensando com essas atitudes estar a contribuir para a sua felicidade e contribuindo, desse modo, para esse culto do eu, que leva à exigência do ter, em detrimento do ser, à reivindicação de direitos, sem ter em atenção os deveres.

Como não podia deixar de ser, o vocábulo e o seu conceito social entrou nas escolas e domina todo o universo da educação. O mais importante é que as crianças e os jovens sejam felizes. Sem dúvida, ninguém pode contestar tal desejo. Mas como pode a escola contribuir para isso?

Se procurarmos informação sobre este tema na educação, não faltam as “teorias” e “processos pedagógicos”, as estratégias que podem conduzir a “uma escola feliz”, onde os jovens se sintam bem, gostem de estar, se sintam felizes. Então é preciso “dar voz aos alunos”, “ouvir os jovens”, “saber o que querem eles aprender”.

E o que querem os jovens? O que é normal e compreensível na sua idade, não querem nada que exija esforço. Habitados que estão a ter a vida facilitada, é de esperar que não gostem de uma escola que os obrigue a trabalhar, que avalie o trabalho realizado, que lhes ensine o que fizeram e construíram os nossos antepassados, que valorize a memória, pois a sociedade a que estão habituados vive do imediato, da rapidez da informação, da facilidade da consulta na internet, da ligeireza dos raciocínios, da procura do lazer, da distração.

Qual deve ser, então, o papel da escola? Seguir atrás dessas facilidades, não exigir, não ensinar? Desprezar as memórias do passado? Fazer tábua rasa de todo o conhecimento?

O neurocientista francês Michel Desmurget, em entrevista recente, a propósito do seu último livro, afirma: “Estamos a criar uma geração de crianças que consegue fazer coisas simplistas, carregar num botão”. Com um título forte e de alguma provocação “A Fábrica dos Cretinos Digitais”, que a editora Contraponto lançou, em tradução portuguesa, em Outubro de 2021 (o original é de 2019), é um alerta a pais e educadores sobre o exagero de horas que crianças e adolescentes passam a olhar para um ecrã. Transcrevem-se algumas das afirmações dessa entrevista:

“Claro que há coisas boas que se pode fazer com o digital, uso ecrãs o dia todo no trabalho e é algo positivo em termos de acesso a dados. ... Agora também há muita coisa que já se revelou ser

negativa e prejudicial para o desenvolvimento. Por isso não me interessa o que é que as crianças poderiam fazer com o digital num mundo ideal, o que me interessa é o que elas fazem e o que elas fazem na realidade é usar os ecrãs para entretenimento.”

“As pessoas dizem que eles sabem o que nós não sabíamos, que são diferentes, mas ninguém consegue responder: mas são diferentes em quê? O que sabem que as gerações anteriores não sabiam? Não é linguagem. A capacidade de concentração foi-se.”

“Estamos a criar uma geração de crianças que consegue fazer coisas simplistas, carregar num botão, comprar apps que um tipo de Google decidiu que vão ser tão fáceis de usar como uma escova de dentes. Mas depois falta-lhes o que faz de nós humanos, linguagem, conhecimento, cultura. A cultura é o que nos permite pensar no mundo. Esta geração gama deixa-me zangado. Não, não sabem coisas que as gerações anteriores não sabiam.”

“A forma como vivemos e utilizamos os ecrãs afeta linguagem, concentração, memória, atividade física e o sono.”

Por isso é cada vez mais importante o papel da escola. É na escola, na interação dos alunos com o professor, dos alunos uns com os outros que se desenvolve a capacidade de falar e de escrever, de argumentar, de discutir ideias. Mas tudo isso tem de partir do conhecimento prévio dos assuntos, das matérias das várias disciplinas que desenvolvem o raciocínio e o espírito crítico, após o estudo e a assimilação dos conhecimentos, pois não se pode argumentar e criticar sem conhecer. E conhecer, saber exige trabalho, concentração, leitura, atenção ao professor, que tem como missão transmitir o conhecimento que os estudiosos de outros tempos nos legaram. Só esse conhecimento pode levar a novos conhecimentos, a desenvolver outras competências, a progredir. O progresso não parte do nada. O filósofo e educador espanhol Gregorio Luri, publicou em 2020 um livro em defesa do conhecimento poderoso, aquele que compete à escola transmitir. E diz:

“A la escuela actual le gusta verse a sí misma como el umbral de algo grande, nuevo y magnífico; algo que abre una nueva etapa en la historia de la educación. Le gusta creer que está protagonizando una revolución que la lleva a descubrir «nuevas formas de aprender». Sin embargo, lo que nos ofrece suele estar muy lejos tanto de lo nuevo como del aprendizaje riguroso. Buscando las nuevas formas de aprender, parece olvidarse de aquello a lo que debieran servir, los contenidos.”

E contrapõe àqueles que defendem que tudo está no Google:

“Si te interesa la fecha de nacimiento de Mozart, nos insisten una y otra vez, basta con buscar en el móvil que llevamos em el bolsillo. Pero no nos dicen que, para estar interesado em Mozart, primero hay que conocerlo: hay que tener a este compositor y pianista en la memoria, y no en el bolsillo.”

“Podemos buscar el significado de una palabra en un diccionario que esté en línea, pero las palabras con las que intentamos entender el mundo e, incluso, las que nos permiten comprender las entradas del diccionario han de estar em nosotros dando forma a nuestros pensamientos.”

“Guste o no guste reconocerlo, es evidente que se necesita conocimiento tanto para buscar conocimiento como para juzgar el valor del conocimiento encontrado. Y, sobre todo, se necesita conocimiento de calidad ...”

“La actual accesibilidad a la información, en lugar de permitirnos prescindir del conocimiento, lo hace más necesario que nunca. La información se hace inteligible cuando es filtrada por nuestro conocimiento previo y se integra en el contexto de lo que ya sabemos. Nunca fue tan fácil acceder a la información, pero nunca ha sido más importante aprender a filtrarla para convertirla en

conocimiento valioso. Nunca ha sido más importante la referencia significativa del texto al contexto.

La información puede caer de la nube, el conocimiento no; el conocimiento es información procesada por conocimientos previos, rumiada en la memoria de trabajo y retenida en la memoria a largo plazo.”

Numa entrevista a propósito deste livro, Gregorio Luri defende que o papel da escola tem de passar pela exigência, pelo esforço para aprender, criticando a tendência para a simplificação, as “pedagogias do facilitismo”, o facto de que “*em educación prestamos más atención a lo bonito que a lo riguroso*”.

Por isso, conclui:

La principal causa de nuestra crisis educativa actual es la pérdida de claridad sobre los fines, para qué educamos, qué significa una persona educada en un mundo culto.

Só do esforço e da satisfação que dá o conhecimento virá a verdadeira felicidade:

“Yo lo que digo es no hay sustituto del esfuerzo e incluso creo que una de las grandes satisfacciones de esta vida es el esfuerzo intelectual que encuentra la respuesta a lo que busca. Es un sentimiento de satisfacción plena. Y a veces encuentras la respuesta una vez que has dejado de pensar en eso y estás en otra cosa.”

Fazem ainda todo o sentido as palavras de Epicuro na Carta a Meneceu (Sobre a Felicidade):

“Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou, ou que já passou a hora de ser feliz.

Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer através da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir; é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la.

Pratica e cultiva então aqueles ensinamentos que sempre te transmiti, na certeza de que eles constituem os elementos fundamentais para uma vida feliz.”

#### Obras e textos citados:

Aristóteles, *Ética a Nicómaco* (tradução de António Caeiro), Lisboa: Quetzal, 2004.

Epicuro, *Carta Sobre a Felicidade* (tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore), Ed. UNESP, 1999.

José Tolentino de Mendonça, *Uma beleza que nos pertence*, Quetzal, 2019.

Gilles Lipovetsky, *Da Leveza — Para uma Civilização do Ligeiro*, Edições 70, 2016.

Gregorio Luri, *La escuela no es un parque de atracciones. Una defensa del conocimiento poderoso*, Ed. Ariel, 2021.

Gregorio Luri — entrevista: [https://www.vozpopuli.com/altavoz/cultura/Gregorio-Luri-profesor-filosofo-educacion-entrevista\\_0\\_1336367690.html](https://www.vozpopuli.com/altavoz/cultura/Gregorio-Luri-profesor-filosofo-educacion-entrevista_0_1336367690.html)

Michel Desmurget, *A Fábrica dos Cretinos Digitais*, Contraponto, 2020.

Michel Desmurget: entrevista: <https://ionline.sapo.pt/artigo/754850/michel-desmurget-estamos-a-criar-uma-geracao-de-criancas-que-consegue-fazer-coisas-simplistas-carregar-num-botao>

Sêneca, *De Vita Beata*.

Isaltina Martins<sup>7</sup>  
Dezembro de 2021

---

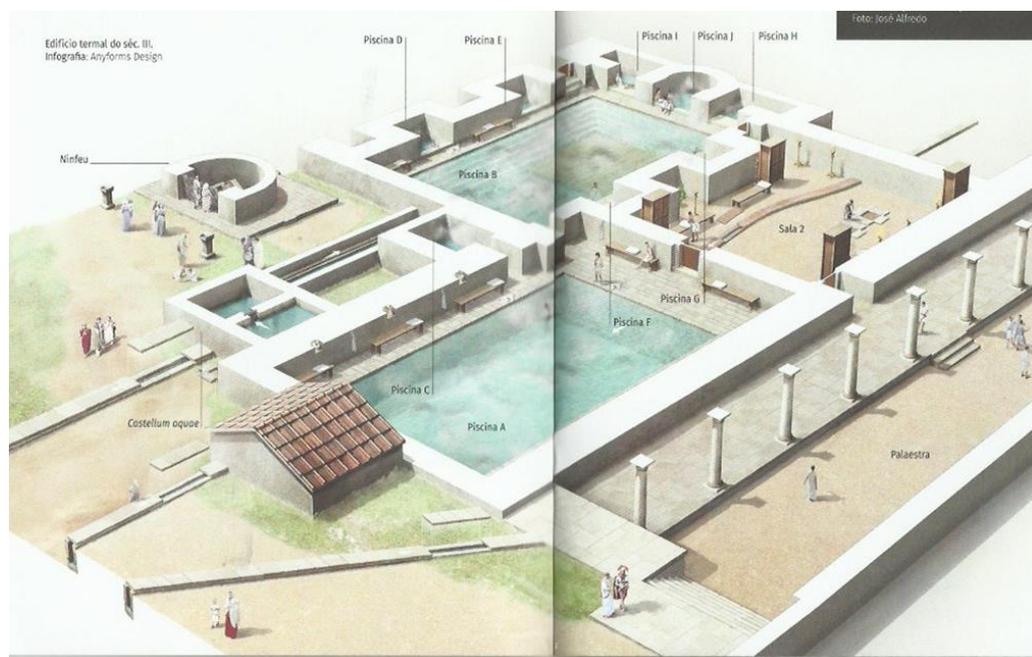
<sup>7</sup> A Autora não usa o AO90.

## VISITAS A NÃO PERDER, por Isaltina Martins

### Notícia de arqueologia

No passado dia 21 de Dezembro de 2021, abriu ao público o Museu das Termas de Aquae Flaviae.

Localizadas no centro da cidade, no Largo do Arrabalde, bem perto da ponte de Trajano, sobre o rio Tâmega, as termas de Aquae Flaviae foram descobertas por acaso, quando eram feitas escavações para a construção de um parque de estacionamento. Os trabalhos arqueológicos decorreram entre 2006 e 2015 e, depois de complexos trabalhos relacionados com a acumulação dos vapores de água, podem agora ser visitadas. Trata-se de um complexo termal de águas medicinais, considerado único, o maior balneário romano da Península Ibérica e um dos maiores da Europa. A construção terá começado ainda no século I, mas as grandes remodelações são dos finais do século II ou inícios do século III. Nos finais do século IV, um sismo que destruiu toda a área contribuiu também para a preservação do que agora chega até nós.



Outros olhares<sup>8</sup>:

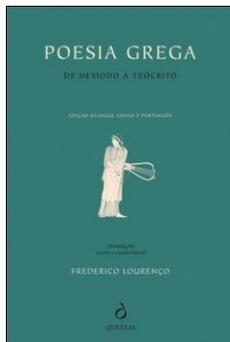


<sup>8</sup> Fotografias de Isaltina Martins.



## OUTRAS LEITURAS A NÃO PERDER

**Frederico Lourenço (2020), *Poesia Grega de Hesíodo a Teócrito*, Lisboa: Quetzal**



Edição bilingue Grego e Português. Contempla os seguintes poetas: Hesíodo, Álcman, Semónides, Mimnermo, Safo, Íbico, Anacreonte, Teógnis, Píndaro, Calímaco e Teócrito.

«A presente coletânea tem por objetivo apresentar uma amostra representativa de diferentes géneros poéticos cultivados na Grécia Antiga, incidindo na poesia lírica, elegíaca, iâmbica, epinícia e bucólica.»

**Carlos Ascenso André (2021), *A Eneida de Virgílio Adaptada para Jovens*, Lisboa: Quetzal**



- Livro recomendado PNL2027 – 2021, 2.º Sem. - Literatura - dos 9-11 anos - dos 12-14 anos - dos 15-18 anos – Fluente

Carlos Ascenso André transforma a *Eneida* num livro de aventuras para jovens do séc. XXI.

Inicialmente, há uma nota explicativa, seguida de uma parte intitulada “Quem é Quem”, em que elenca, com uma breve caracterização, as personagens que fazem parte do lado humano, as do lado divino e, ainda, os nomes geográficos.

### *Nota Bene:*

A Direção da APLG não concorda com o AO90, mas passou a usá-lo por ser obrigatório pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 8/2011, pp. 488-489, publicada no *Diário da República*, 1.ª série, n.º 17, de 25 de janeiro de 2011, que determinou a introdução da nova ortografia no sistema educativo português, no ano letivo de 2011-2012. No entanto, respeita, plenamente, quem não o usa.

Agradecendo a vossa compreensão para a decisão tomada, a APLG continuará a pugnar pela abolição do AO90 e respeito pelas raízes linguísticas e culturais da Língua Portuguesa.